

Museu HJKO retrata

CORREIO BRAZILIENSE

a memória candanga

Luís Forbes

Em 1957 era inaugurado o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira — o HJKO — na então chamada Cidade Livre, o embrião de Brasília, mais tarde Núcleo Bandeirante. Desativado em 1974, este centro de apoio médico-hospitalar dos pioneiros da nova capital passou em seguida por um franco processo de deterioração física e desfiguração de suas características originais. Um movimento comunitário impediu a sua demolição, o que culminou com seu tombamento em 1985. O processo de restauração executado pelo Departamento do Patrimônio Histórico do DF transformou-o no Museu Vivo da Memória Candanga, que a partir das 10h de hoje lança o seu catálogo, inaugura seu restaurante, promove visitas às oficinas do Saber Fazer e apresenta um show com o grupo Invoquei o Vocal.

O Museu HJKO, como é popularmente conhecido, entra agora em nova fase, através do Projeto de Dinamização Viva o Museu, que se inicia hoje. Além de preservar importante acervo relativo à história e à cultura de Brasília — móveis, equipamentos, fotografias, filmes, vídeos, livros, revistas, cartazes e objetos em geral que narram a vida dos candangos — criou as Oficinas do Saber Fazer, que vêm desenvolvendo atividades de pesquisa e produção, e oferecem cursos, seminários, workshops e uma série de

atividades que possibilitam um contato direto entre artesãos, artistas e o público.

Este caráter de museu não estático, que mantém seu acervo ao mesmo tempo em que promove atividades educacionais, ocupacionais e recreativas ligadas à cultura da cidade, foi instituído pela Secretaria de Cultura e Esportes, em conjunto com o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF.

Ao ser caracterizado como um espaço de registro, preservação e difusão da história e cultura candanga, realiza uma oficina sui generis, denominada Oficina da Memória. Nela são dramatizadas situações e períodos da cidade em uma sala de época, montada com o acervo. O resgate de brincadeiras é desencadeado por meio de jogos populares tradicionais.

Em andamento também as oficinas do barro, fibra e madeira. Mais adiante deverão ser viabilizadas outras tantas, como oficinas do metal, cerrado, materiais alternativos, traço, som, artes gráficas e fotografia. A idéia deste programa é a criação de um vínculo permanente do museu com as escolas, os estudantes e os professores. Assim, são propostos trabalhos complementares para os participantes das oficinas, que têm continuidade na escola.

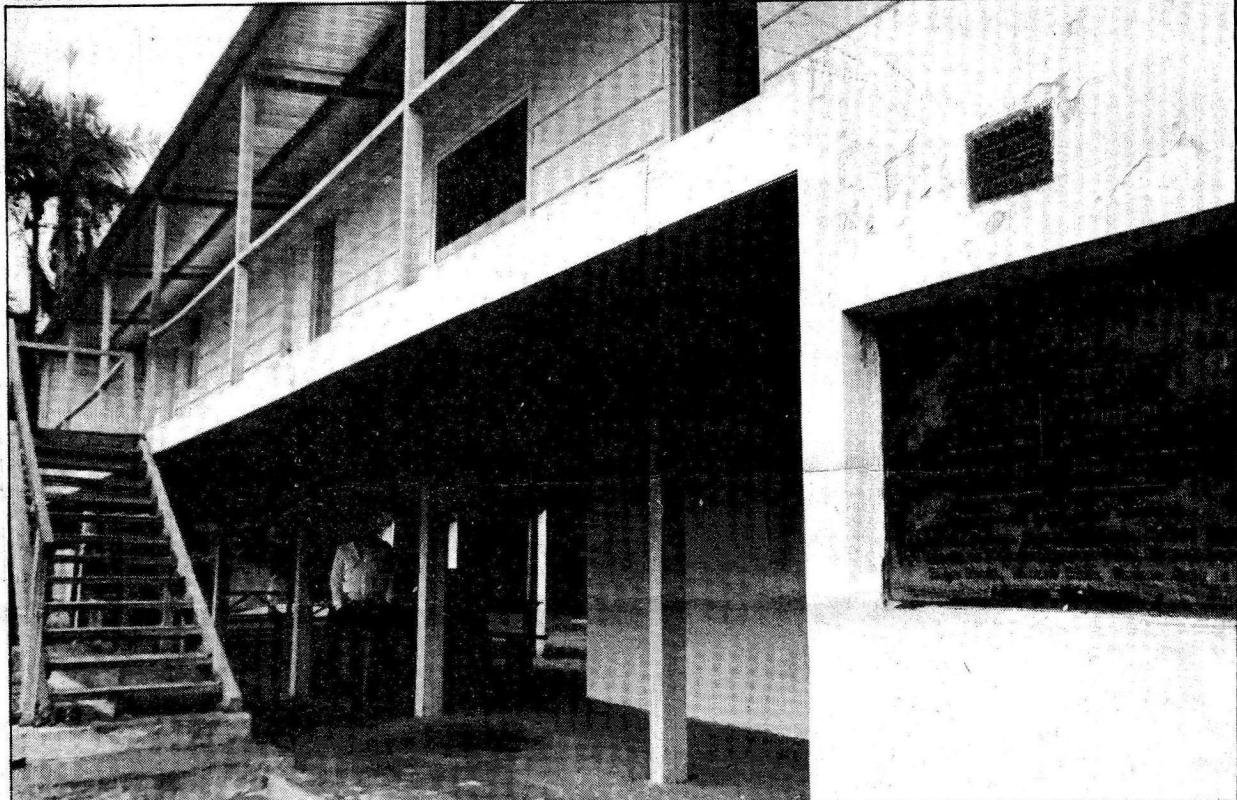
Ambientação — O restaurante que hoje se inaugura é ambien-

tado com móveis do período da construção de Brasília. Tem objetos de artesanato produzidos nas oficinas do museu. Já sua exposição permanente, devidamente catalogada, foi projetada de modo a propiciar ao observador uma visão da evolução histórica da cidade desde o seu marco zero até os dias de hoje. Seus módulos correspondem a cada período político brasileiro dos últimos 30 anos. Em destaque, seus reflexos sobre a cidade.

A poeira, a lona e o concreto estão reunidos no primeiro módulo da exposição permanente. É a fase pioneira, o período JK. Entre fotografias, documentos e objetos, é possível ao visitante conhecer a trajetória da mudança da Capital do País, através da missão Cruls. A concepção da cidade criada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa se faz presente assim como a prática de suas idéias: os primeiros riscos transpostos para o chão, as grandes obras e os acampamentos dos pioneiros.

Também registradas as solenidades oficiais; um quarto típico do Brasília Palace Hotel, o mais importante da cidade naquela época, hoje apenas um esqueleto às margens do lago Paranoá, não reconstruído desde que foi vitimado pelo fogo na década de 70; um consultório médico do HJKO e até o laboratório de M.M. Fontenele, fotógrafo pioneiro de Brasília.

ADALTO CRUZ



O Catetinho sofreu um processo de deterioração em todos esses anos, apesar dos reparos que foram feitos